



PSICANÁLISE

Berta Hoffmann Azevedo

# Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica

**Blucher**

# PAIXÃO E LOUCURA NOS LIMITES DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

*Berta Hoffmann Azevedo*

*Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica*

© 2025 Berta Hoffmann Azevedo

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editor* Eduardo Blücher

*Coordenação editorial* Rafael Fulanetti

*Coordenação de produção* Ana Cristina Garcia

*Preparação de texto* Regiane Miyashiro

*Diagramação e revisão* Know-how Editorial

*Capa* Juliana Midori Horie

*Imagem da capa* “The Evil Mothers”, de Giovanni Segantini



Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto: contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,  
conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico  
da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira  
de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial  
por quaisquer meios sem autorização  
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

Azevedo, Berta Hoffmann

Paixão e loucura nos limites da clínica  
psicanalítica / Berta Hoffmann Azevedo. –  
São Paulo : Blucher, 2025.

232 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2616-1 (Impresso)

1. Psicanálise. 2. Clínica psicanalítica. I. Título.

CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

Prefácio.....	9
A convocação para o descabível <i>Daniel Delouya</i>	
Apresentação.....	17
Psicanálise, esse ofício apaixonante <i>Juliana Lang Lima</i>	
Introdução .....	21
1. Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica.....	31
2. Sobre os benefícios clínicos de diferenciar loucura e psicose	47
3. Paixão e sofrimento: quando o objeto de desejo se transforma em objeto de necessidade.....	69
4. A captura no circuito da dor: um desafio clínico.....	81
5. Quando o brinquedo não brinca: há futuro para a desilusão?	97
6. O Eu e seus abalos sísmicos: contribuições contemporâneas à teoria do trauma.....	117

7. Do solavanco à despersonalização: a falha de reconhecimento .....	135
8. Decameron: faces da desobjetalização e o relançar de laços... ..	155
9. Hiperconectividade e autocancelamento: o Eu em tempos de excesso .....	171
10. Do silêncio ao testemunho: a recuperação do traumático em <i>Edipo Rei</i> como modelo clínico em Psicanálise.....	185
11. Por uma Psicanálise com sexualidade, ainda.....	199
12. Por que ainda ler Freud? .....	221

# Prefácio

## A convocação para o descabível

*Daniel Delouya*

“Este livro é fruto de uma necessidade”, anuncia a autora na primeira página desta bela obra. Impelida “sob o imperativo da clínica”, viu-se levada a buscar subsídios outros, distintos daqueles que até então estavam à sua disposição e que pertenciam ao regime das representações. Se, no início da Psicanálise, a análise se orientava pelas associações de cenas, com o intuito de liberar o afeto estrangulado no sintoma, desta vez é numa direção quase oposta que caminha a analista. Tomada pelo afeto, pelo tumulto em que a cena analítica a insere, entrega-se – nessa representação irrepresentável de si mesma – às correntes da vivência, por meio das quais atinge uma noção da cena traumática.

Assim, uma paciente transforma a sala de análise num cenário de guerra, em que brinquedos explodem no ar, e a analista se percebe atônita, perdida, podendo apenas recolher os cacos. Em certo momento, a paciente convida a analista a fechar os olhos e a envolve – a aprisiona – com um novelo de lã. A maciez corporal que Berta experimenta permite-lhe compreender o estado de carne viva em que a paciente se encontrava diante da presença intolerável e invasiva da analista e dos outros. Trata-se do afeto em direção à representação, e não da liberação do afeto por meio dela.

São os destinos das paixões – despertadas ou irrompendo no corpo do analista – que merecem atenção. Os prelúdios dessa intuição já estavam esboçados em sua primeira obra, *Crise pseudoepileptica* (Casa do Psicólogo, 2011), na qual ela se deparou com as paixões e a loucura histéricas, disfarçadas sob diagnósticos médicos de epilepsia. Naquele estágio, nossa jovem analista ainda não havia se dado conta, de modo suficiente, da via de acesso proporcionada pelos afetos que a atravessavam: ela era uma espectadora sensível às manifestações das loucuras neuróticas, buscando nelas caminhos para a intervenção clínica.

Não obstante, já nesse primeiro momento, atribuiu importância clínica primordial ao inquietante, *infamiliar*, ao incômodo (Freud, 1919) – mais na vertente do retorno do recalcado, do que como distorção do Eu, perda de limites e confusão com o outro. Na obra que o leitor tem agora em mãos, a clínica é, indubitavelmente, das paixões. Os afetos, como o próprio nome indica, têm origem na dor e na passividade diante de forças internas e externas, constituindo-se como *chaves* da alma (Freud, *Projeto de uma psicologia*, 1895).

Nesse sentido, trata-se não apenas da afetação provocada pela violência pulsional e pela alteridade – e de sua interpretação –, mas, sobretudo, do trabalho do negativo, essencial na lida possível com esses afetos, no contexto da apropriação da vida psíquica e de suas vias de cura. Se o ponto de partida da analista é a imersão na cena à qual o paciente a convoca – uma vez que esta se inscreve, sempre, no regime da ação (Pontalis, sobre a transferência) –, os instrumentos que ela mobiliza para alcançar as representações e delas fazer uso baseiam-se numa abordagem contemporânea.

Além de leitora incansável da obra de Freud, Berta encontrou no pensamento de André Green o eixo principal de apoio à sua clínica. Mas não apenas nele: Joyce McDougall, Piera Aulagnier, Julia

Kristeva, Jean Laplanche, Jean B. Pontalis, Jacques André, entre outros mais clássicos como Lacan, Bion e Winnicott são ampla e profundamente utilizados em sua abordagem. Ela também recorre a obras filosóficas e literárias, clássicas e contemporâneas.

Entretanto, no compromisso permanente com sua clínica e na reflexão sobre esta, com o auxílio dessa junta (“médica”) de autores, ela jamais relaxa: sabe, como Clarice Lispector, que é preciso confrontar-se com a perda de sua própria “montagem humana”, lidar com aquilo que o corpo não consegue conter e enfrentar a desilusão: “eu havia humanizado demais a vida”.

No fundo, Berta se lança, subterraneamente, no projeto de Clarice: “O resto foi o modo como, pouco a pouco, transformei-me na pessoa que carrega o meu nome. E, no fim das contas, tornei-me o meu nome. Basta olhar nas iniciais GH – e eis que sou eu”. Clarice logo declara, na continuidade desse trecho: “a psicologia nunca me interessou, sou impaciente a esse modo de invasão da alma, e já na adolescência desvencilhei-me do estágio psicológico”. E Berta o faz também, já na vida adulta de psicanalista.

Entretanto, para Berta, esse *Gênero Humano* a obriga a encontrá-lo na *loucura* de cada um – analista e paciente – tal como ele comparece entre os dois, e a levar o par, como em Clarice, a admitir: “eis que sou eu”. Será?

Então, afeto, paixão, pulsão, dor, sexualidade, trauma, loucura do Eu – e tanto mais...!

Vou apontar brevemente algumas linhas de desenvolvimento desta obra. Ela trata, em primeiro lugar, da luta entre as forças com as quais o Eu precisa lidar: uma delas, primordial, é o sexual, da sexualidade infantil. Trata-se de uma passivação que obriga o Eu, ao mesmo tempo, a evitar a ruptura de seus limites – seja com o acervo do recalado, seja com sua contrapartida, a realidade e os outros.

Freud já havia mostrado, em 1924, que, diante dessa situação, o Eu tenta evitar rupturas “ao deformar-se, permitir danos à sua unidade, eventualmente até se dividir ou fragmentar. Assim, as incoerências, excentricidades e loucuras dos homens se manifestam...” (*Neurose e psicose*).

Eis a loucura que Berta delimita nas vinhetas clínicas tão elucidativas, nas quais nos mostra como a dor – e a loucura com que o paciente age ou da qual tenta se defender – decorre de um trabalho mal-acabado com os objetos de origem. A dificuldade em lidar com a cena primária, da qual o sujeito é obrigado a se ausentar, define a loucura de cada um, pois constitui *uma situação paradigmática* do enlouquecimento.

O destino das paixões que ali emergem depende da provisão amorosa do objeto primário – sedução e tradução/interpretação – ou seja, da estrutura enquadrante da qual esse objeto se encarrega. Se essa estrutura for bem-sucedida, o sujeito será capaz de elaborar, em sua fantasia, os desafios da separação na cena primária. Caso contrário, se o objeto primário falhar em algum grau, a ponto de o sujeito não conseguir “apagá-lo” para abrir caminho aos objetos do mundo, ele permanecerá aprisionado pela demanda inerente a uma loucura pessoal do objeto de origem – isto é, pelo narcisismo dos pais, meio pelo qual a vida lhe foi ofertada. Essa demanda o aprisionará nas mordaças agonizantes das expectativas passionais e das dores que elas implicam.

As modalidades desse aprisionamento se estendem ao longo de um vasto espectro, formando um amplo portfólio clínico: desde as formas adictivas e hipocondríacas, nas quais o objeto, devido a suas próprias carências, não consegue modular distância e proximidade, passando por formas perversas e atuações-limite, até modalidades negativas em que o sujeito está menos preso a um objeto do que à sua ausência. Nesse caso, ele investe nos rastros do desaparecimento do objeto, tornando-se até “branco”, refém de um luto insone, vazio, impossível.

Nesse portfólio, as diversas modalidades do traumatismo, tal como se manifestam nas demandas por terapia, são abordadas em vários capítulos deste fascinante livro.

Quero destacar aqui dois aspectos que, a meu ver, são novos e para os quais Berta nos chama atenção: o primeiro é que, nesse cenário das falências da provisão do objeto primário, a passagem do regime da necessidade para o do desejo falhou, o que abre margem para a atuação da modalidade do desespero e das aspirações de reclusão sob os auspícios da pulsão de morte. O segundo ponto que vale destacar são os benefícios que essa clínica traz ao distinguir configurações clínicas marcadas pela loucura das da psicose.

Na psicose, devido aos investimentos parcós por parte do objeto, há pouca libido represada no Eu, tornando-o frágil e precário. A consequência inicial, na eclosão da psicose, é um colapso hipocondríaco que leva a um estágio secundário de criação, a partir do esquema das fantasias originárias, de uma nova realidade inteiramente alucinada. A psicose se distingue da neurose pela ausência de uma reserva de ilusão à qual o neurótico recorre em suas fantasias e, por outro lado, distingue-se da clínica dos casos-limite, elaborada por Berta, por não dispor dos recursos das experiências inacabadas e parciais com os objetos primários. Esses últimos podem ser caracterizados, em termos gerais, como atuações de esperança que já reivindicam dos objetos, em seu desespero, a conclusão de um trabalho inacabado com o objeto primário. Nesse desenho, em que o Eu é o pivô da trama da loucura, Berta aventa imagens bastante estimulantes em relação ao Eu. Ao destacar os impasses na diferenciação do Eu, isto é, no estabelecimento de sua alteridade, ela transforma a visão do Eu como um terreno de um cemitério de investimentos de objetos abandonados (Freud, 1923: *O Eu e o Id*) e acrescenta-lhe os resíduos econômicos de fundo que Freud preconiza, mas não os integra ao desenho do Eu. Assim, esse terreno aparente se torna, à imagem da Terra, de placas tectônicas se movimentando dentro do magma (a economia) do Isso,

prestes a gerar abalos sísmicos, as paixões e as loucuras, denunciando as carências de aculturação, do trabalho do objeto de origem.

A clínica é sempre a de uma loucura, porém a loucura dos ca-sos-limite tem todo o poder de nos tornar, pela paixão, analistas. Já a clínica da psicose nos confronta com um terreno mais árduo.

Acredito que, nessas notas gerais, abarquei três aportes impor-tantes deste livro: paixão e loucura nos limites da clínica; a paixão e as tramas traumáticas do aprisionamento na necessidade; e a benéfica diferenciação entre loucura e psicose.

Entretanto, dentro desse amplo espectro da clínica, que é das paixões, Berta tem produzido trabalhos impressionantes desde o início da pandemia, que se concentram em um ou outro aspecto do esque-ma que lancei acima: sobre o circuito da dor, sobre o trauma e, prin-ci-palmente, sobre as veleidades do trabalho do negativo, seja na criação do amplo espectro dos fenômenos ligados ao *infamiliar* (inquietante, incômodo) – como retorno do recalado, como embaralhamento dos limites entre o Eu e o outro e sua extensão na dessubjetivação (Green) e despersonalização (Freud) –, seja na objetalização e desobjetaliza-ção dos laços. O desenvolvimento e a ilustração clínica em cada capí-tulo são primorosos. Em todos eles, predomina o foco sobre o sexual em relação à pulsão de morte, e seus destinos nas paixões, seja em seu ruído positivo, seja em seu gélido retraimento.

Ademais, temas históricos sobre a cultura, assim como a loucura dos relacionamentos na era da hiperconectividade e seus palcos de autocancelamento, constituem extensão do pensamento acerca da negatividade e das paixões no cenário cultural, refletido no atendi-mento de jovens no limite das urgências clínicas.

Por fim, o livro nos brinda com o trabalho premiado, redigido há anos, intitulado “Por que ainda ler Freud?”. Não vou adentrar nesse sensível texto sobre a clínica da leitura. Basta dizer que os doze textos que o precedem (incluo a *Introdução*) demonstram, com sua extensa

e profunda articulação teórico-clínica, como Freud é convocado pela junta médica dos autores com os quais ela dialoga, para reforçar ainda mais o retorno a seus textos. Berta o faz trabalhar seus limites, ou seja, sua loucura peculiar, da qual conhecemos uma pequena parte. Freud, provocado pela Clarice no escrito de Berta, nos remete a essa convocação ao descabível da clínica, do corpo e suas pulsões. A loucura para a qual a autora nos desperta por meio dessa deliciosa e clara escritura coloca toda a responsabilidade e a paixão no exercício de nosso amado ofício. É de tirar o chapéu para essa nova estreia dessa arejante autora. Aproveitem!

## *Referências*

- Lispector, C. (1998). *A paixão segundo G. H. Rocco*.
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Obras completas* (Vol. 14, pp. 328-377). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In *Obras completas* (Vol. 16, pp. 13-59). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2011). Neurose e psicose. In *Obras completas* (Vol. 16, pp. 176-183). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2025). O projeto de uma psicologia. In *Obras completas* (Vol. 1, pp. 202-321). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])

# Apresentação

## Psicanálise, esse ofício apaixonante

*Juliana Lang Lima<sup>1</sup>*

A faísca da loucura é uma partícula que fascina o humano desde que o mundo é mundo. Não à toa, muitas são as produções artísticas que se propõem a mergulhar nesse universo, e durante séculos aqueles que desviaram da norma foram considerados enigmáticos, assombrosos e, até mesmo, perigosos, como se pudesse espalhar a peste por onde passassem.

Com o avanço da ciência e da luta antimanicomial, a loucura foi saindo do armário e as questões de saúde mental ganharam maior atenção e circulação a ponto de vivermos, hoje, um momento diferenciado, com expansão de diagnósticos psiquiátricos que, por vezes, são exibidos com alívio e, até mesmo, orgulho. Com efeito, aquilo que já ficou relegado ao silêncio e ao esconderijo, hoje ganha tonalidades menos privadas. É nesse contexto que vem a público o livro de Berta Hoffmann Azevedo, uma coletânea de ensaios sobre o tema da paixão e da loucura, mas não só.

---

<sup>1</sup> Psicanalista. Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Publicou os livros *A analista grávida* (2020), *Tempos maternos* (2022), *Transmissões do feminino* (2024) e *Dinheiro: manejo e tabus na clínica psicanalítica* (2025).

Ao longo de 12 capítulos, a autora ocupa-se tanto de uma diferenciação clínica entre loucura e psicose como da loucura nossa de cada dia, simbolizada nas paixões que libidinizam a existência e, por vezes, atravessam o *setting* analítico, em formato mais extremo. Ao melhor estilo freudiano, a psicanalista se utiliza de farta literatura para compor seus textos e, assim, encontramos referências a clássicos como Franz Kafka, George Bataille, Hermann Melville, Machado de Assis e Roland Barthes, mas também a escritoras contemporâneas como Annie Ernaux, Grada Kilomba, Nastassja Martin e Rosa Montero, o que dá o tom predominante do livro: uma cuidadosa costura entre tradição e inovação.

Contudo, ainda que sua obra busque inspiração na arte, afinal, Berta Hoffmann Azevedo divide com o leitor imagens mentais apoia-das em filmes, séries, músicas, por meio de um acervo particular rico que vai desde a relação entre Frida Kahlo e Diego Rivera à série sul-coreana Round 6, é prudente lembrar que este é um livro que parte da clínica e direciona-se aos clínicos. A escrita que aqui toma forma de livro nasceu fragmentada, fruto de uma necessidade, como argumenta a autora na introdução. Assim, todo o arcabouço teóricometiculosamente articulado entre psicanalistas como Freud, André Green, Joyce McDougall, Pontalis, Piera Aulagnier e Laplanche é uma tentativa de dar contornos a experiências intensas, que colocam o analista no limite de suas possibilidades teóricas.

Por se tratar de uma elaboração que tem origem nas exigências da prática psicanalítica, é notável que carregue a marca da falta, uma vez que a autora não teme se mostrar como alguém impelido a pesquisar e estudar para sustentar os desafios de uma clínica do século XXI. Desse processo, surge um trabalho profundamente original, no qual transparece uma analista criativa, sem medo de ser inventiva e de compartilhar com o leitor seus pensamentos, suas dúvidas e, também, as intervenções que utiliza em situações disruptivas, que evindenciam vestígios de traumas precoces nos sujeitos em análise.

Ciente de que a clínica é soberana e está sempre disposta a tensionar nossas teorias, essa produção não foge à tarefa de compreender que as configurações contemporâneas solicitam certo ajuste no olhar, de maneira a considerar novas formas de subjetivação, advindas de uma época em que a tecnologia adentrou os lares e as existências. Assim, por meio de reflexões acerca da pandemia e de sua exigência de reclusão, em situações de automutilação, despersonalização, ideação suicida e tantas outras vivências de dor, todos os caminhos conduzidos pela autora nos levam à sexualidade como norteador, seja em sua presença, seja na suposta ausência.

Para enriquecer a experiência de leitura, somos brindados com relatos de uma analista que se senta no chão para desenhar algo que uma analisante adolescente não comprehende por meio de palavras, que divide com outra analisanda um devaneio, com o adendo de que tal hipótese imagética poderia parecer uma loucura, que não teme se queimar com o fogo da paixão transferencial. Aliás, fica evidente no texto que se segue o enlace entre coragem e rigor metodológico, algo que permite à analista ousar sem estremecer o setting.

Freud citava Schiller para afirmar que a fome e o amor movem o mundo; André Green se perguntava por onde anda a sexualidade entre os psicanalistas; e Berta Hoffmann Azevedo reforça que o sexual ainda tem, e sempre terá, muito a ver com Psicanálise. Publicações como esta que o leitor tem em mãos nos lembram que é erotizando a relação com nossa jovem ciência que a manteremos viva, pulsante e atual. De preferência, com a força de uma paixão.

# Introdução

*A barata e eu somos infernalmente livres porque a nossa matéria viva é maior que nós, somos infernalmente livres porque minha própria vida é tão pouco cabível dentro de meu corpo que não consigo usá-la... Sou tão maior do que aquilo que eu chamava de “eu” que, somente tendo a vida do mundo, eu me teria*

(Clarice Lispector, 1998)

O frágil verniz civilizatório se desfez no instante em que a protagonista se deparou com a barata sob o olhar atônito do leitor de *A paixão segundo G. H.* A matéria viva, rastejando pela fresta do armário no quarto abandonado de Janair, funcionária recém-demitida, desestabilizou limites, diluindo as fronteiras entre a mulher e seu entorno. “Ontem perdi durante horas e horas a minha montagem humana” (p. 11), ela confessa. As distinções entre horror e fascínio se borraram, revelando o núcleo selvagem da pulsão e a frágil unidade do Eu. “Eu havia humanizado demais a vida” (p. 12), concluiu, de súbito, como uma epifania diante do asqueroso, pré-histórico e inesperado ser.

Consumida por uma curiosidade avassaladora, e no afã de alcançar o âmago do tal inseto, ela contemplou a massa branca que brotava do corpo esmagado da barata até devorá-la, fundindo-se com ela em

momentânea comunhão, de bordas dissolvidas no ímpeto insaciável de tocar a substância primordial da vida.

A introdução que agora proponho tangencia a temática que se desenvolve ao longo das próximas páginas: a loucura do Eu tomado pelas paixões, o enamoramento apaixonado, as relações passionais, a paixão secreta da loucura privada, as defesas paradoxais, as psicoses. Como podemos pensar a relação entre esses diferentes termos? Por que isso interessa ao psicanalista contemporâneo?

Este livro é fruto da necessidade. Foi escrito sob o imperativo da clínica, que me orientou por caminhos que exigiam estudo. O manejo e a escuta demandavam ferramentas que me levaram a buscar autores de interlocução para compreender os movimentos dessimbolizantes que eu testemunhava na sala de análise e que, frequentemente, se tornavam obstáculos a seu progresso. Era preciso construir pontes para acessar sofrimentos capazes de congelar ou queimar.

Na clínica, a relação transferencial inevitavelmente é palco do encontro com entes perturbadores, objetos de atração e repulsa. Tal qual o súbito embate retratado na literatura claricana, a relação analítica pode, ainda, revelar dinâmicas turbulentas e inclinações insuspeitas e chegar a transformar o analista na barata capturada em uma relação passional. Um rodeio pelo outro para uma aproximação com a matéria pulsional própria, que ganha formas ruidosas.

Freud (1915), em *Observações sobre o amor de transferência*, construiu a metáfora da linguiça presa na haste da corrida de cães, posicionada a uma distância tal que mantinha os animais em movimento. Uma vez que fosse atirada ao chão, todos os cães se lançariam sobre ela e a corrida seria deixada de lado. Assim também é na análise quando a transferência adquire qualidade passional. Nesse momento, o espaço metaforizante é esmagado e o que se passa na relação ganha prioridade, interessando mais que qualquer objetivo analítico. O teatro da sessão incendiado convoca o analista para o primeiro plano, impedindo-o de se manter a uma distância compatível

com a atenção flutuante ou com a sustentação da *outra cena*. Essa modalidade transferencial exibe eloquentemente a força pulsional bruta por baixo da camada domesticada da vida e exige do psicanalista uma metabolização afetiva intensa.

O trabalho analítico que se move nos limites da analisabilidade, em territórios marcados por traumatismos primários, nos lança a refletir sobre modalidades pulsionais que envolvem uma travessia pela loucura privada e suas lógicas paradoxais, ideia presente nos diversos capítulos deste livro. Em cada um deles, o mesmo desafio mobiliza a busca de recursos teórico-clínicos: a constatação de que o objeto analítico, por vezes, conta com um intervalo demasiado estreito e sutil para se construir, especialmente sensível a abalos em sua sustentação.

O analista que se dispõe a trabalhar à beira do precipício se arrisca, sente ventos fortes que desestabilizam posições. No improviso do momento, ele precisa criar, deixar-se perder e encontrar-se. A contra-transferência exigente faz o analista também sentir, chegar tão perto a ponto de se misturar e ameaçar as diferenciações míнимas entre um e outro, desejo e repulsa, silêncio e morte, proximidade e incesto. E o psicanalista, afetado, trata de encontrar meios de perlaborar sua afetação e transformá-la para continuar a ser analista.

A disposição de atravessar essa margem incerta – onde o controle é perdido, afloram afetações primitivas, e a linha entre a razão e a loucura não só é tênue como fluida e permeável – envolve reconhecer o potencial de ruptura da camada civilizatória que, uma vez construída, pode também ser desfeita. Afinal, é preciso reconhecer: somos seres afetados por paixões de vida e de morte.

A clínica do negativo nos apresenta diferentes modos de subjetivação e dessubjetivação que buscam inativar o traumático e estabilizar o narcisismo. Essas formas de expurgar o traumático e de manter bolsões de paixão incestuosa intocada pelo tempo fazem a escuta precisar se entregar a pensamentos loucos.

Na relação transferencial-limite, somos surpreendidos pelo desenrolar de uma loucura privada, silenciosa e feroz, em que o sujeito se vê cativo na mesma prisão em que tenta conter o objeto. Formas paradoxais frente ao problema de não poder perdê-lo, não conseguir livrar-se dele, mas tampouco se permitir ser tomado por sua presença invasiva. Nesse impasse, o embate persiste – intrapsíquica e intersubjetivamente – não para se libertar, mas para preservar, ainda que pela trilha do sofrimento, um traço de ligação.

Na clínica é possível descobrir, atônito, as muitas formas pelas quais o negativo se faz presente como única via para manter viva uma ligação com o objeto inelutável, traumático ao narcisismo. Num campo de resistência, o sujeito se agarra ao que resta, mesmo que esse resto seja apenas o conflito, o desgosto, a dor. O Eu, em parte aprisionado no vestígio rígido de um afeto retido, fechado na clausura em que se cola ao objeto, tenta desesperadamente impedir uma perda impossível. Confinado junto ao objeto, ele resiste à perda insuporável, sustentando um vínculo que se alimenta da própria ferida. Pois é justamente essa dor compartilhada que, de modo singular, ainda permite sentir-se vivo.

Se um psicanalista quiser acompanhar as lógicas do pensamento louco, estar acima da loucura não é uma opção; ele precisará caminhar a seu lado, recebê-la com hospitalidade clínica e disposição imaginativa. Mas como, então, aprender essa linguagem tão estranha e íntima?

Voltemos à Clarice, que coloca a personagem G. H. na sutil fronteira do que, neste livro, chamamos “loucura”. A protagonista mergulha em uma experiência de padecimento e desconstrução do Eu em contato com a essência do que é humano – o desamparo, a pulsão, as defesas e, finalmente, a potência criativa que brota do confronto com o abismo, espaço onde as categorias perdem firmeza e nitidez. À semelhança do trabalho analítico, GH não afasta a loucura rápido demais, ela a atravessa.

O campo da afetação, das paixões, demanda uma escuta sensível à linguagem da pulsão, além de um exercício constante com lógicas que escapam ao pensamento ordinário. Os modelos teóricos tradicionais, concebidos para lidar com a neurose ou com a psicose, mostram-se insuficientes diante das situações clínicas-limite. Por conta disso, torna-se indispensável uma dedicada incursão pelas teorizações de autores que exploraram o funcionamento psíquico em registros paradoxais.

É nesse território que este livro busca oferecer sua contribuição. A partir das ameaças de naufrágio que rondam muitas análises, procura rastrear faróis teórico-clínicos capazes de orientar, de forma promissora, o pensamento clínico e sua prática, frente às poderosas clausuras sagradas. Por meio de vinhetas distribuídas ao longo dos capítulos, o livro se dedica a explorar os desafios da Psicanálise diante do sofrimento psíquico-limite. Trilha um percurso que alinhava perguntas clínicas com esboços de contribuições teóricas encontradas em Freud, em autores pós-freudianos e, também, nos teóricos da Psicanálise contemporânea.

No primeiro capítulo, “Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica”, a discussão parte da análise de Frida para abordar as aproximações entre paixão e loucura e o vínculo com a experiência primordial de indiscriminação e de transbordamento que toca a ambas. O texto destaca os efeitos das estratégias de inativação das vivências traumáticas primárias na clínica dos estados-limite, a partir de uma transferência passional desencadeada pelo impacto desorganizador de uma paixão amorosa que culminou em colapso narcísico. É justamente nesse ponto de ebulação transferencial – em que a loucura irrompe no campo analítico – que se desvela o núcleo do trabalho clínico nas muitas situações em que desejo e desamparo se entrelaçam.

O Capítulo 2, “Sobre os benefícios clínicos de diferenciar loucura e psicose”, aborda as vantagens de manter uma distinção metapsicológica entre loucura, psicose e loucura privada, apontando suas

implicações clínicas. Por meio de um resgate da dimensão inextirpável da loucura humana, somos levados a reconhecer os bolsões de loucura privada revelados nas transferências paradoxais, em que se condensam fantasias de fusão e promessas secretas de comunhão protegidas por modos limites do negativo.

O terceiro capítulo, “Paixão e sofrimento: quando o objeto de desejo se transforma em objeto de necessidade”, aborda o fenômeno corriqueiro do apaixonamento que ganha contornos ameaçadores quando as fronteiras psíquicas estão estruturalmente ameaçadas. Por meio das vinhetas clínicas de Juan e Romeu e da literatura de *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, acompanhamos o potencial de loucura que habita o cerne do erótico. A face trágica do erotismo é revelada ao transformar desejo em necessidade, e composições inusitadas entre Eros e as pulsões de destruições se revelam estratégias para estabilizar o narcisismo.

O Capítulo 4, “A captura no circuito da dor: um desafio clínico”, propõe um modelo de escuta e manejo para situações em que o enquadre analítico se depara com a persistente tendência à fuga da dor. A partir do caso de Luna, o texto investiga quais condições analíticas podem sustentar um vínculo favorecedor do processo de elaboração na análise e de, ainda que de forma tênue, tornar suportável a tensão inevitável da existência psíquica.

É o que continua a se desdobrar no Capítulo 5, “Quando o brinquedo não brinca: há futuro para a desilusão?”, que explora os desafios da clínica psicanalítica em cenários nos quais qualquer gesto – falar ou silenciar – carrega o risco de ser excessivo ou insuficiente, exigindo do par analítico a travessia de impasses com criatividade e coragem para manejar lógicas paradoxais. Por meio de vinhetas clínicas que retratam sujeitos enredados nas prisões que tentam guardar o objeto, o texto destaca a exigência psíquica colocada sobre o analista: sustentar a turbulência e transformá-la em escuta e possibilidade de simbolização.

O Capítulo 6, “O Eu e seus abalos sísmicos: contribuições contemporâneas à teoria do trauma”, desenvolve a metáfora geológica do abalo sísmico para discutir as contribuições de alguns autores da Psicanálise contemporânea nos campos dos traumatismos capazes de abalar as estruturas e o funcionamento do Eu. Em terrenos clínicos-limite, a prática psicanalítica encontra áreas de instabilidade nas quais a estrutura narcísica está sujeita a maiores tremores e o estilo aproximativo clássico do psicanalista tende a fazer fracassar nossos esforços.

O Capítulo 7, “Do solavanco à despersonalização: a falha de reconhecimento”, mergulha nas sensações de estranhamento e solavancos mais ou menos bruscos que ferem o sentimento de Eu ou de conexão com o não-Eu – rupturas produtoras de despersonalização e desrealização. Os relatos desses fenômenos, oriundos de diferentes pacientes, revelam movimentos defensivos extremos, como se o próprio corpo, o Eu ou o mundo se tornassem um estranho terreno de batalha de uma aguda força de desinvestimento.

O Capítulo 8, “Decameron: Faces da desobjetualização e o relançar de laços”, da mesma forma, examina os movimentos de desinvestimento incidindo sobre o Eu e sobre a análise. O trabalho reúne múltiplas faces da desobjetualização que se apresentaram para a autora no plano individual e da cultura no contexto de pandemia de 2020 e afirma a função de investimento significativo da analista na recuperação da dialética fecunda quando a força de desligamento atinge alcances radicais. O livro de Giovanni Boccaccio, escrito durante a peste negra de 1348, ofereceu-se como favorecedor do resgate da dimensão ligadora da analista e entrelaça-se no texto como modelo de aposta na palavra para a reinstalação de um movimento criador.

O Capítulo 9, “Hiperconectividade e autocancelamento: o Eu em tempos de excesso”, recorta o movimento psíquico que o nomeia como autocancelamento, escutado e manejado na clínica psicanalítica e discute-o no contexto da hiperconectividade característica da atual sociedade pós-moderna. Os efeitos de sobrecarga para o

narcisismo são pensados articulando sintomas sociais e individuais, um episódio de *Black mirror* como alegoria, além de bibliografia psicanalítica e sociológica.

O Capítulo 10, “Do silêncio ao testemunho: a recuperação do traumático em Édipo Rei como modelo clínico em psicanálise”, parte do poema “A contrapelo” e do artigo “Édipo a contrapelo”, de Luiz Meyer –, os quais revisitam as violações sofridas por Édipo antes de se tornar rei – e da instalação *Illusions*, de Grada Kilomba, que também destacam a dimensão violenta presente em *Édipo Rei*. Com base nessas produções, que resgatam e constroem vozes silenciadas, a autora propõe uma aproximação entre a ferramenta da construção em análise e o modelo clínico do testemunho, sugerindo que essa conexão pode ser crucial em contextos em que o paciente não consegue narrar, em palavras, suas experiências traumáticas.

O Capítulo 11, “Por uma Psicanálise com sexualidade, ainda” é uma reelaboração do artigo desenvolvido em 2013 que problematizou o desprestígio da sexualidade infantil que se revela em movimentos teórico-clínicos mesmo no interior da Psicanálise, cuja repercussão prática não é irrelevante. Somam-se a esse resgate as reflexões desenvolvidas para o evento ocorrido no início de 2025, em Porto Alegre – preparatório ao 30º Congresso da Febrapsi –, que homenageava os 100 anos do texto freudiano de 1925, “Algumas distinções anatômicas entre os sexos”.

O Capítulo 12, “Por que ainda ler Freud?”, encerra o livro – embora pudesse também iniciá-lo. Escrito em 2013, ele testemunha a relação da autora com a obra freudiana e as inquietações que a levam a escrever sobre os modos de leitura do autor e sobre a importância de uma perspectiva implicada e revigorante de encontro com esses escritos no coração da Psicanálise contemporânea. Os movimentos no pensamento freudiano são tomados como expressão da complexidade presente no autor e seu esforço de seguir interrogando e abrindo caminhos para respostas inéditas. É esse gesto – de manter viva a

pergunta – que sustenta a Psicanálise em permanente transformação, fiel às questões-problema de seu tempo e meio.

A capa traz a imagem da pintura de Giovanni Segantini, “The Bad Mothers” (ou “The Evil Mothers”): a despeito das intenções do artista em seu contexto histórico (1894), ela cumpre representar a proposta do presente livro de transmitir o contraste entre a paisagem fria e um núcleo febril aprisionante. Nela, entrelaçam-se movimentos de entrega e resistência: o abandono ao prazer incestuoso e a luta por preservar mínimas margens de discriminação e autonomia. O corpo retorcido entre a dor e o êxtase expressa sofrimento e volúpia, sensorialidade e avidez.<sup>2</sup> A obra, que me foi apresentada pela amiga Gabrielli Pohlmann Rocha, se encontra na Österreichische Galerie Belvedere, em Viena. Aproveito para agradecê-la e também aos queridos Renato Mezan, Juliana Lang Lima e Deniel Delouya que tão generosamente contribuíram com os textos de orelha, apresentação e prefácio.

O leitor tem em mãos textos que atravessam os últimos 15 anos de um percurso de escrita – alguns preservados em sua forma original, publicados em periódicos; outros revisitados e retrabalhados para dar forma a este livro. Reunidos aqui, registram uma investigação teórico-clínica persistente e um compromisso com uma clínica que, longe de oferecer garantias ou conforto, continua a desacomodar o psicanalista que nela se implica.

Todo percurso teórico, sabemos, ganha corpo apenas ao se entrelaçar com a experiência viva de cada analista no divã. Aquele que, atravessado por sua própria análise, já se permitiu transitar pelas veredas do pensamento louco, em vez de buscar uma suposta limpeza

---

2 O quadro é parte da série sobre maternidade intitulada “O ciclo do Nirvana”, que inclui também “O castigo das voluptuosas”. Karl Abraham (1937) escreveu sobre o pintor e a relação de sua obra com a história infantil dele junto à mãe, que, debilitada após perder um filho, o abandonou ao se deixar morrer.

interior, reconhece a força apassivadora das pulsões e já não se deixa seduzir pela miragem da pureza idealizada. Esse caminho não é desvio: é passagem. Conduz à fonte infantil de onde joram os recursos criativos que sustentam o diálogo analítico e permitem tocar, com delicadeza, inventividade e coragem, as paixões do outro. O trânsito pela loucura converte-se, assim, em chave essencial de acesso para a clínica-limite e para qualquer outra análise também.

Boa leitura a todos!

## *Referências*

- Freud, S. (1915). Observações sobre o amor de transferência. In *Obras completas*, Vol. 10. Companhia das Letras.
- Abraham, K. (1937). Giovanni Segantini: A Psychoanalytic Essay. In *Psychoanalytic Quarterly*, (6):453-512.
- Lispector, C. (1998). *A paixão segundo G. H. Rocco*.



**A loucura do Eu tomado pelas paixões**, o enamoramento apaixonado, as relações passionais, a paixão secreta da loucura privada, as defesas paradoxais, as psicoses: Como podemos pensar a relação entre esses termos? E de cada um deles com a dor e o trauma narcísicos? Por que isso interessa ao psicanalista contemporâneo?

Este livro nasce da urgência clínica. Movido pela escuta de sofrimentos que congelam ou queimam, percorre os limites da loucura, da paixão e da desorganização psíquica. Propõe uma travessia pela linguagem do pensamento louco – íntima, desconcertante –, exigindo do analista hospitalidade e imaginação. Com envolventes vinhetas clínicas e diálogo com autores clássicos e contemporâneos, explora o que desafia o manejo e a simbolização em análises marcadas por paixões extremas e medidas radicais para contê-las. Um convite a pensar pontes em territórios em que a camada civilizatória vacila e os lutos impossíveis fazem gritar os núcleos selvagens da pulsão.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2616-1



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Berta Hoffmann Azevedo

**Paixão e loucura  
nos limites  
da clínica psicanalítica**

**Blucher**

PSICANALISE

Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## **Paixão e loucura nos limites da clínica psicanalítica**

---

Berta Hoffmann Azevedo

ISBN: 9788521226161

Páginas: 232

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2025

---